



Unifesspa - 21 a 25 de Setembro de 2015

I Seminário de Projetos Integrados
I Jornada de Extensão
I Seminário de Iniciação Científica
I Encontro de Pós-Graduação

A HISTÓRIA VIVIDA DOS GAVIOES DO OESTE SOBRE O ENSINO SUPERIOR

Sabrina Padilha de Menezes¹ - Unifesspa
Alexandre Silva dos Santos Filhos² - Unifesspa

Agência Financiadora: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)

Eixo Temático/Área de Conhecimento: Educação/ Núcleo de acessibilidade e inclusão acadêmica da Unifesspa: práticas em Educação Especial e formação de professores.

1. INTRODUÇÃO

O presente surgiu acerca da pesquisa de mestrado sobre cultura indígena, a qual ainda encontra-se em andamento, por isso selecionamos o processo de aprendizagem dos acadêmicos indígenas como universo de estudo desta pesquisa de extensão que apresentamos para a 1ª Jornada de Ensino, pesquisa e extensão da Unifesspa. Por tanto o trabalho aborda a narrativa dos acadêmicos indígenas, que pertencem ao povo dos Gaviões do Oeste, sobre o processo de aprendizagem do ensino superior na região de Marabá, Pará.

Percebemos que ao longo do tempo as relações de poder das diferenças culturais são construídas em torno da ironia do discurso desenvolvimentista, que de um lado busca a homogeneização das diferenças culturais quando se trata o contexto sociocultural e por outro promove a hierarquização das culturas quando se discute a questão dos problemas socioeconômico das mesmas. Desse modo o discurso da diversidade cultural garante amparar os direitos civis das minorias culturais em relação ao seu desenvolvimento étnico, mas a prática não condiz com a teoria já que para haver diversidade é necessário haja o diálogo entre as diferenças que juntas formaram um modelo em comum (BHABHA, 2010).

A cultura indígena implica na origem da história do Brasil mediante um cenário de diferentes populações que habitavam as territorialidades do país de modo frutífero ao amparo destas humanidades. Os processos de sobrevivência e as formas de organizações sociais delineavam um desenvolvimento socioterritorial e cultural diferente daquilo que conhecemos hoje, eis porque o saber indígena está ligada com as prioridades de cada região. Sendo que o desenvolvimento cultural interage com o desenvolvimento ambiental (RIBEIRO, 1995).

A população indígena pré-colombiana chegou a obter 8 milhões de habitantes que se agrupavam primeiramente em torno de quatro grandes divisões, acerca da linguagem: os Macro-jê, Macro-tupi, Arawak e Karib. Entretanto, todos esses grandes grupos subdividiam-se em diferentes outros subgrupos que promoviam novas subdivisões em torno das particularidades socioterritoriais (RIBEIRO, 1995). Por isso quando se trata de cultura indígena envolve-se uma multiplicidade cultural que é rica nos detalhes dos saberes de cada grupo indígena. Por isso a cultura indígena não pode ser tratada de modo homogêneo, nem tão pouco deve ser renegado o papel de fonte de sabedoria e ensinamento.

Os Gaviões do Oeste pertencem ao tronco linguístico dos Macrô-jê e habitam a região tocantina do sudeste do Pará desde antes da invasão dos colonizadores. Conhecem a história da região como exímios historiadores sendo que sua cultura é parte essencial para descolonizar os conhecimentos que o colonialismo escondeu, por isso precisam ser reconhecidos como sujeitos históricos ativos que estão presentes como história viva da nossa história. A cultura cidadina chega cada vez mais próximo de suas aldeia de modo que não há como evitá-la, a melhor saída é interagir com ela. Assim os Gaviões do Oeste chegam as universidades em busca da sabedoria necessária para promover o conhecimento sobre as funcionalidades e os

¹ Mestranda do Programa de Pós-graduação em Dinâmicas Territoriais e Sociedade na Amazônia da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (PTDSA/ Unifesspa). Bolsista do Programa de Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). E-mail: spmenezes2011@gmail.com

²Pós-Doutorado em Artes Visuais pela UFPA. Professor do Programa de Pós-graduação em Dinâmicas Territoriais e Sociedade na Amazônia da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (PTDSA/ Unifesspa). Orientador da pesquisa de mestrado financiada pelo Programa de Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). E-mail: alixandresantos@gmail.com



Unifesspa - 21 a 25 de Setembro de 2015

I Seminário de Projetos Integrados
I Jornada de Extensão
I Seminário de Iniciação Científica
I Encontro de Pós-Graduação

sentidos das organizações sociais não-indígenas. Nesse cenário o ponto fundamental a ser questionado foi investigar como o discurso da inclusão social se apresenta na prática, ou seja, de que modo o ensino superior ampara a aprendizagem dos povos indígenas?

Para tanto, a pesquisa buscou investigar a história de vida dos acadêmicos dos Gaviões do Oeste acerca do seu processo de aprendizagem no ensino superior. Afim de refletir a relevância do ensino superior no desenvolvimento cultural deste povo da floresta, bem como, compreender as necessidades e aspirações dos mesmos quando se trata de ensino e aprendizagem. Para que assim possamos revitalizar os saberes que o colonialismo negligenciou da história do Brasil e reinventar novos caminhos para promover a inclusão social no ensino superior.

2. MATERIAIS E MÉTODOS

A metodologia do estudo é de cunho qualitativo por se tratar da história de vida dos acadêmicos indígenas, mediante o seu processo de aprendizagem no ensino superior. Por se tratar de um objeto de estudo que não dispõe de estudos exclusivos, a questão fundamental foi investigar a história contada por quem a vivenciou, ou seja, investigar o processo de aprendizagem dos povos indígenas no ensino superior a partir dos relatos das suas experiências e mediações acadêmicas.

Os Gaviões do Oeste são povos autóctones da região tocantina do sudeste do Pará e até meados do séc. XX eram um só grande grupo, após este período o grupo vem se dividindo cada mais devido a rivalidades internas; nos dias atuais existem mais de seis aldeias distintas de Gavião que habitam a Reserva Mãe Maria. Por isso, selecionamos sete acadêmicos indígenas de duas destas aldeias do povo gavião. A pesquisa foi desenvolvida durante meados do primeiro semestre de 2014 ao final do segundo semestre deste mesmo ano, sendo que as entrevistas ocorreram na aldeia onde os acadêmicos demonstraram ter maior liberdade de expressão. Dentre os sete acadêmicos participantes da pesquisa dois deles estudam na universidade estadual e os outros cinco na federal da cidade de Marabá, PA.

A pesquisa acompanhou o processo de aprendizagem de dois alunos em fase final do curso, cinco alunos que cursaram mais de cinquenta por cento do curso, sendo que dois deles se aproximam da fase final de formação do curso. Para tanto utilizamos questionamentos que se referem a escolha pelo curso, as relevâncias e deficiências dos conteúdos estudados, o nível de entendimento dos alunos, a linguagem dos professores, o amparo do ensino superior com a cultura indígena.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A inclusão da cultura indígena no ensino superior é um fenômeno pós-moderno, visto que os sete participantes da pesquisa são as primeiras gerações de universitários da aldeia. Estes compreendem que a formação acadêmica é uma necessidade pois as fronteiras da cidade, da indústria e do agronegócio expandem cada vez mais sobre as culturas indígenas. A busca pela formação acadêmica dos indígenas entrevistados apontou como intensão primeira a revitalização dos seus saberes em prol de novas formas de organização que amparem os seus direitos sociais e possam proteger a sobrevivência da sua cultura. Já que é preciso “alcançar a necessária lucidez para concatenar essas energias e orientá-las politicamente, com clara consciência dos riscos de retrocessos e das possibilidades de liberação que elas ensejam” (RIBEIRO, 1995, p.25).

Todos entrevistados optaram por cursar licenciaturas e afirmaram que suas escolhas ocorrem por duas razões: os conteúdos dos cursos desta área são mais inteligível ao estudante indígena e por isso há muita concorrência de modo que muitos candidatos não conseguem vagas pelas cotas, especialmente no curso de pedagogia. O outro motivo apontado foi o fato de a profissão de professor possibilita a oportunidade de trabalhar nas escolas das aldeias. Segundo os entrevistados há necessidade de criar uma educação escolar feita pelos indígenas e não para os indígenas, já que se trata de escola indígena. Embora a referida prática denote uma estratégia de resistência, acerca da construção de escolas dos povos indígenas nas suas respectivas aldeias, “o deslocamento das fronteiras culturais ocorre em direção ao objeto aterrorizante,



Unifesspa - 21 a 25 de Setembro de 2015

I Seminário de Projetos Integrados
I Jornada de Extensão
I Seminário de Iniciação Científica
I Encontro de Pós-Graduação

exorbitante, da classificação paranoica – um questionamento perturbador das imagens e presenças da autoridade” (BHABHA, 2010, p.165). Eis porque a escolha pela formação acadêmica é resultado da intervenção da cultura dominante que ao longo do tempo vem colonizando os povos indígenas. Por isso estes últimos são coagido a desformar suas tradições, assumindo a imagem do colonizador para que possam manter sua sobrevivência cultural.

Percebemos que o processo de aprendizagem é marcado por limitações de grande escala em que a linguagem acadêmica se apresenta como o grande vilão desta história. Contudo é o sistema de colonização das diferenças culturais o verdadeiro causador desta grande problemática que assombra não somente os povos indígenas, mas também uma grande massa de estudantes brasileiros que não conseguem captar teoricamente os conteúdos que são trabalhados no ensino superior, já que a educação brasileira segue as legislações do Estado, da Escrita e do Mercado euroamericano. Para refletir sobre este contexto de universalização educacional apontamos as palavras de Ribeiro (1995, p.21) quando disse que “A urbanização, apesar de criar muitos modos citadinos de ser, contribuiu para ainda mais uniformizar os brasileiros no plano cultural, sem, contudo, borrar suas diferenças”.

Os alunos indígenas da universidade federal demonstraram maior insatisfação com o ensino do que aqueles que estudam na universidade estadual da cidade de Marabá. Nesta última instituição ocorre o Processo Seletivo Especial (PSE) para os povos indígenas, sendo ofertado o Curso de Graduação em Licenciatura Intercultural Indígena, onde a concorrência fica restrita aos povos indígenas e os conteúdos trabalhados estão direcionados para atender esta demanda social. Assim o nível de aprendizagem na universidade estadual é satisfatório e inclusão da cultura indígena se apresenta com maior veemência. Segundo os entrevistados são poucos os professores que não atendem suas aspirações e necessidades.

Já na universidade federal onde não existe nenhuma formação específica aos povos indígenas o processo de ensino destes alunos apresentou-se como insuficiente. Os Gaviões do Oeste encontram dificuldades no entendimento e na comunicação dos conteúdos trabalhados em sala de aula, a linguagem e as práticas pedagógicas não acolhem as necessidades e as limitações destes alunos. Apenas um dos alunos apontou não ter dificuldades na aprendizagem dos conteúdos, sendo que a maioria deles afirmou que não consegue aprender a maior parte dos conteúdos. Para a elaboração da Tese de Conclusão de Curso (TCC) os dois formandos tiveram que buscar auxílio dos professores da escola da aldeia para acompanhar as orientações dos professores universitários. Esta problemática foi apontada como uma estratégia que será usada pelos próximos formandos indígenas.

Ao que se refere ao amparo do ensino superior com a cultura indígena os alunos mencionaram insatisfação. Segundo eles não há inclusão dos saberes indígenas com os conteúdos das graduações, tão pouco ocorre com o inverso, já que existe uma barreira entre os diferentes saberes. É como se fosse um universo polarizado onde as culturas indígenas devem aprender os saberes dos não indígenas, mas no entanto o contrário não ocorre. Isto traduz uma forma de colonização encoberta pela discurso da inclusão, e para descolonizar a questão da inclusão social é necessário que “saberes ‘negados’ se infiltrem no discurso dominante e tornem estranha a base de sua autoridade –suas regras de conhecimento (BHABHA. 2010, p.165). Já que isto permite romper com a tendência de pensar o problema isoladamente das esferas transversais e multidimensionais que envolvem a construção da problemática. Por isso é necessário que os acadêmicos indígenas sejam ouvidos para que seus deslocamentos e intensidades sensíveis possam ser amparados pelo processo de ensino e aprendizagem do ensino superior.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora os povos indígenas representem a memória da história do Brasil o discurso colonizador promove a marginalização cultural destes povos, na medida que a desvalorização com os saberes dos povos indígenas é fluente e histórica. Contudo a colonização dos dias atuais se dá na prática oculta do discurso da inclusão social, que representa uma estratégia de dominação das diferenças culturais.

A inclusão da minorias está em alta nos discursos políticos da pós-modernidade e o ensino superior apresenta-se como solo fértil para a promoção destas falácias, que na prática não ultrapassam o além das fronteiras discursivas já que os saberes e as aspirações da cultura indígena pouco valem na elaboração das



Unifesspa - 21 a 25 de Setembro de 2015

I Seminário de Projetos Integrados
I Jornada de Extensão
I Seminário de Iniciação Científica
I Encontro de Pós-Graduação

políticas públicas educacionais que garantem amparar a inclusão. A má distribuição das cotas, a falta de capacitação dos professores e a inexistência dos saberes indígenas no plano de aulas marcaram veementemente as narrativas dos acadêmicos do povo dos Gaviões do Oeste.

Para que haja a inclusão da cultura indígena no ensino superior é necessário construir disciplinas especializadas, cursos de capacitações para professores sobre a cultura dos povos, orientações pedagogia, maior corpo docente especializado para atender essa demanda que cresce a cada dia. Somente dessa forma a cultura indígena pode ser acolhida como fonte de saber, e a universidade assim cumprirá seu papel de amparar as diferenças culturais e promover o desenvolvimento humano mediante a alteridade da diversidade cultural. Mesmo que a inclusão dos povos indígenas não ocorra como deve ser, a formação acadêmica promove a reorganização de novas estratégias de lutas e a ressignificação de novas formas de resistências.

5. REFERÊNCIAS

BHABHA, H. K. **O Local da Cultura**. Trad. Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

RIBEIRO, Darcy. **O Povo Brasileiro**: A formação e o sentido do Brasil. 2ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.